



Palavras que levam a imagens:
Fotografia para ouvir

Francisca Ferreira Michelin

Artigo recebido em: 06/09/2012
Artigo aprovado em: 25/02/2013

DOI 10.5433/1984-7939.2013v9n15p189

Palavras que levam a imagens:

Fotografia para ouvir

Words that take the pictures: *Photography for listening*

Francisca Ferreira Michelin*

Resumo: *Apresenta-se, neste trabalho, a avaliação de um programa de rádio gerado com audiodescrição de fotografias históricas. O programa constituiu-se, inicialmente, como recurso de divulgação da página da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas e originou-se de dois trabalhos diversos: o primeiro, no qual se desenvolvem produtos de audiodescrição de acervos museais, e o segundo, que se refere ao tratamento da informação de fotografias históricas. Avaliam-se, aqui, os resultados e desdobramentos.*

Palavras-chave: *Audiodescrição. Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas. Fotografia histórica. Acesso e acessibilidade.*

Abstract: *A radio program produced through audio descriptions of historical photographs is presented in this work. This program was initially meant to broadcast the Memory Photography Collection Web Page of the Universidade Federal de Pelotas (Federal University of Pelotas city), and was originated from two different studies: the first one focused on the development of museum collections audio description tools, and the second referred to historical photograph information processing. Results and developments were evaluated.*

Keywords: *Audio description. Memory Photograph Collection from Federal University of Pelotas. Historical photography. Access and accessibility.*

* Pós-doutora pelo Arquivo Fotográfico da Câmara de Lisboa. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estágio no Arquivo Fotográfico da Câmara de Lisboa em conservação de fotografia. Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e editora da *Revista Memória em Rede*. Tutora do Grupo PET Conservação e Restauro. Curadora de exposições e produtora cultural (organização de eventos). E-mail: fmichelon.ufpel@gmail.com

Introdução: escutar para ver

Não há nada de inaudito em uma imagem mental originada pela descrição. Essa é uma experiência que pode ter acompanhado a existência humana desde a origem da linguagem, passando pelas artes da representação, pela locução no rádio e por outras tantas formas. Aquele que escuta uma narração constrói mentalmente sua imagem do narrado, particularizando-a e fazendo-a única, talvez irreproduzível. Um pouco diferente é quando a narração ocorre sobre uma imagem já existente. É possível que o resultado da imagem formulada por quem escuta seja, ainda assim, de tal forma particular, que se dê como único. Mas em ambos os casos – o da narração de uma cena, fato ou objeto não representado de outra forma ou o da narração de uma representação já existente – a imagem se configura para quem a imagina por obra da palavra.

Se o objeto da narração é, justamente, uma imagem, pode-se supor que haverá inexatidão da imagem gerada por quem escuta a descrição, em relação ao original. No entanto, talvez a exatidão não seja desejada¹. Sabe-se que a descrição verbal de uma imagem pode ser feita por muitas razões, de diferentes formas, com objetivos distintos e resultados incomparáveis.

O que este texto apresenta é a avaliação que se fez de uma proposta de descrição de fotografias. Os dois projetos dos quais surgiu essa proposta são recentes e ainda em desenvolvimento² e contribuíram diretamente com a ocorrência do programa “Fotografia para Ouvir”, veiculado em uma rádio universitária. Realizou-se avaliação de público da primeira audição, ao mesmo tempo em que se arrolaram impressões sobre o programa e sobre o vídeo de cada volume (locução editada

¹ Fato inverso ao que ocorre no retrato falado, quando alguém narra a aparência de outra pessoa ao desenhista que não só imagina, mas traduz a imaginação em traços que buscam a verossimilhança com aquele que não pode ser visto no exato momento do desenho.

² Ambos desenvolvidos no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

da audiodescrição) nas redes sociais. A metodologia empregada partiu da proposta de audiodescrição expressiva (NEVES, 2011) e do treinamento ocorrido com esta audiodescritora em 2011 e 2012. Ambas as circunstâncias surgem como resultado de um trabalho em torno do desenvolvimento de exposições inclusivas. O objetivo do programa é o de fazer acessível o que é disponível, princípio motivado pela constatação de que, antes de serem visitadas, as coleções da Fototeca Memória da UFPel precisam ser encontradas (observação que pode ser aplicada a qualquer outro banco de dados) e, para tanto, sua existência necessita ser conhecida ao menos por seu público-alvo: o acadêmico.

Descrever e interpretar

A iniciativa em tornar esse conjunto conhecido no ambiente com o qual se relaciona resultou no programa referido, divulgado na Rádio Federal FM. Trata-se de um programa constituído de vinhetas, nas quais um narrador descreve imagens das coleções. Os resultados deram vazão às reflexões que se colocam sobre os sentidos da imagem (DIDI-HUBERMANN, 2004) e a relação entre imagem analógica e texto (SORLIN, 2004).

A audiodescrição como recurso de ações acessíveis tem sido empregada na educação, em produtos culturais e na publicidade, entre outros campos, com progressiva frequência e são anunciados sucessos quanto a metas inclusivas, especialmente voltadas para pessoas cegas ou com baixa visão. Em contextos culturais, sobretudo, ela tem encontrado entusiastas que a defendem para além de uma ferramenta de acessibilidade, desvendando na proposta possibilidades de educação para os produtos visuais, especialmente para as imagens móveis ou estáticas. A natureza deste crescente entusiasmo diz respeito à promoção de novas perspectivas sobre o objeto ou sobre a realidade

descrita, obtidas no emprego do recurso e observadas na empiria das circunstâncias nas quais são empregadas.

No entanto, experiências com imagens móveis estão sendo mais elucidativas do que com imagens estáticas nas possibilidades desejáveis pelos promotores das instâncias culturais e educativas, em especial no Brasil. Servem como assertiva dessa observação, os exemplos de alguns filmes de curta-metragem recentes³ pelos quais se pode constatar a ampliação do campo poético da imagem com o uso da audiodescrição. Mesmo a descrição de imagens em movimento em peças publicitárias tem rendido resultados expressivos, em alguns casos. No cinema, teatro e televisão⁴ ela tem sido empregada como recurso inclusivo com recorrência e, ultimamente, com incentivo ou obrigatoriedade governamental.

Portanto, a presença desse recurso nos meios de comunicação e nos ambientes culturais está tornando-se reentrante. Dentre vários exemplos, há o desenvolvimento do projeto “O Solar que virou Museu: memórias e histórias” do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo⁵, no qual as legendas de objetos em exposição receberam audiodescrição. Um exemplo exitoso e confluyente para este texto é o trabalho do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha⁶, em Leiria, Portugal.

Em seu manual de audiodescrição, Neves (2011) afirma que a origem desse projeto dá-se a partir de práticas e convenções

³ “Leonel pé de vento”, curta-metragem em animação, 2006. Direção: Jair Giacomini. “Animando”, curta-metragem em animação. Direção: Marcos Magalhães. Audiodescrição de Letícia Schwartz. Ambos com audiodescrição da empresa Mil Palavras Acessibilidade Cultural (disponíveis, respectivamente, em <www.leonelpedevento.com.br> e <www.milpalavras.net.br/animando-com-audiodescricao>).

⁴ Segundo a Portaria n. 188, vigente a partir do dia 1º de julho de 2011, as emissoras de televisão com sinal digital são obrigadas a apresentar pelo menos duas horas semanais de programas com audiodescrição.

⁵ Dados sobre a exposição podem ser obtidos em: PORTO ALEGRE. Secretaria de Cultura. **O Solar que virou museu: memórias e histórias**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=4&p_secao=19>. Acesso em: 15 out. 2012.

⁶ Dados sobre o programa inclusivo do museu em: BATALHA. Divisão de Educação Cultural. **Museu da Comunidade Concelhia da Batalha**: catálogo. Batalha: Publicenso, 2011. Disponível em: <<http://www.museubatalha.com>>. Acesso em: 15. out. 2012.

empregadas em países europeus e em alguns da América. Trata-se de uma proposta inclusiva que parte da finalidade de tornar acessível a informação contida em objetos ou em imagens, para pessoas cegas ou com baixa visão, e atinge um público maior, inespecífico, não predeterminado, ou seja, torna-se voltada para qualquer pessoa.

É uma proposta inclusiva que aceita a subjetividade e advoga a expressividade. Com base nas técnicas de análise da imagem (estática e móvel) e da narração ficcional (literária e filmica), propõe-se dar pistas de interpretação e fruição perceptíveis por TODOS, inclusive aqueles que se vêem condicionados por limitações sensoriais. Todas as propostas pressupõem o respeito pela realidade descrita, naquilo que a torna única, e no dever de dar ‘a ver’ na sua essência e unicidade, através de sensações acústicas, realizada por códigos verbais (palavras) e não-verbais (efeitos sonoros e música). (NEVES, 2011, p.9).

Na audiodescrição os objetos ou situações visuais a serem informados em palavras são apresentados segundo alguns princípios básicos. Deve-se fazer a descrição usando em torno de 250 palavras, iniciando o texto com a apresentação do contexto espacial e temporal do objeto ou cena. Segue-se informando a relação de tamanho do objeto ou do elemento principal da cena quanto ao contexto espacial. Selecionam-se os principais aspectos para serem informados e evita-se qualquer interpretação alusiva aos sentidos do que se descreve. No caso da audiodescrição expressiva, o descritor pode incluir adjetivos ou frases e palavras que configurem uma interpretação do objeto ou cena descrita, permitindo-se, portanto, comentar o que enxerga.

Assim, segundo o conceito de Neves, a audiodescrição expressiva torna-se passível de ser aplicada em qualquer contexto e com qualquer público, porque não se atém a tentar, tão somente, expor o objeto ou cena em palavras, mas busca explorar sentidos e facilitar sua visualização. Deve tentar atender, inclusive, pessoas cuja dificuldade de acesso à informação não ocorre, apenas, no campo

sensorial, mas no campo social, ou seja, pessoas alijadas de formação educacional. O princípio geral deste modelo é estar voltado a um público muito heterogêneo quando descreve o objeto ou obra, com total respeito pelo conteúdo que apresenta, mas com liberdade expressiva. É o resultado de um exercício de adequação e economia, do qual se espera que um mínimo esforço (o de escutar) resulte em um máximo efeito (o de visualizar).

Um exemplo de como pode ocorrer a audiodescrição expressiva é o texto referente à figura 1. Esta fotografia apresenta uma cena de trabalho em uma extinta fábrica de lã da cidade de Pelotas. O texto para ser lido foi organizado segundo os princípios de contexto espacial, elementos essenciais, aspectos técnicos relevantes, conteúdo da ação e contexto temporal. Entremeando esses princípios, foi colocada a leitura subjetiva do aspecto eleito para dar expressividade à descrição.

Figura 1 - Fotografia da seleção do velo de lã na Fábrica Laneira Brasileira S.A.



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Universidade Federal de Pelotas (2012a)

O texto inicia com a frase que corresponde ao contexto espacial: “É uma grande sala esta que se vê, ampla e muito alta, com janelas ao fundo”, cuja informação complementar será dita mais adiante (“É um local de trabalho fabril”). O elemento essencial apresenta-se na frase “Em toda a largura do quadro há montes de lã em sacos fartos, empilhados e dispostos lado a lado”. Para explicar a técnica o texto enuncia “Não há cor nesta fotografia, apenas os tons de cinza, próprios do processo preto e branco” e para datar a cena escreveu-se “Meio século deve ser o tempo em que essas moças sorriem eternas na fotografia”. A permissão expressiva elegeu como personagens a serem destacadas as operárias, sobre quem se observa que “a manifestação sutil da sua juventude emana do sorriso que três delas dirigem para o futuro no qual nos encontramos a vê-las”. O final busca traduzir a perda irreparável que pode estar no fato de que a fábrica já não existe ou que pessoas desta cena já não vivem ou ainda, que tudo mudou: “Certo é que elas já não estão mais lá. Nem toda aquela volumosa lã. E da fábrica pouco sobrou: um prédio vazio, as memórias de quem pode lembrar e estas fotografias...”

Essas frases extraídas do texto exemplificam a flexibilidade do processo de descrever sem distorcer o que visualmente se encontra na cena, sem suprimir informação, mas, também, sem se furtar da subjetividade que busca encontrar aspectos capazes de imprimir relevo à imagem imaginada através da palavra.

Esse modelo de audiodescrição vem sendo estudado em um projeto⁷ cujo escopo é gerar recursos humanos e experiência para a

⁷ O projeto intitula-se “O museu do conhecimento para todos: inclusão cultural para pessoas portadoras de deficiência” e é lotado como um programa de extensão no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Foi contemplado no Edital Proext/MEC 2011 para desenvolvimento em 2012, sob coordenação de Francisca Ferreira Michelin. O programa recebe ações de apoio advindas do Termo de Cooperação assinado entre a UFPel e o Instituto Politécnico de Leiria, especificamente com a Unidade de Investigação iACT, que desenvolve pesquisa em acessibilidade cultural com pessoas com deficiências sensoriais, motoras e intelectuais. Nesse projeto, a equipe envolvida recebeu treinamento para a produção de recursos de acessibilidade como elaboração de audiodescrição de objetos de acervo, produção de maquetes e esquemas táteis, recepção de público com deficiências sensoriais e motoras e treinamento para a produção de textos de leitura fácil.

implantação de um museu inclusivo na Universidade Federal de Pelotas. Mas não é sobre esse projeto, nem sobre seus resultados, que versa o presente texto e sim sobre o programa de rádio que foi realizado pela autora a partir do treinamento possibilitado no referido projeto. A razão da proposta desse programa também tem origem em outro projeto de extensão contínuo, que consiste em um trabalho de sistematização de acervos fotográficos históricos.

Embora recente, este é um projeto no qual há um investimento grande: implantou-se e gerencia-se um banco de dados, acessível ao público na forma de uma página, intitulado Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas⁸. O projeto iniciou em 2009, ano em que a UFPel completava 40 anos. Por questões inerentes a sua origem, essa universidade não possuía um arquivo ou um setor com função equivalente que reunisse, sistematizasse e disponibilizasse ao público universitário e não universitário a memória da origem da instituição, das faculdades e unidades de ensino que a fundaram e dos institutos que surgiram após a sua fundação. Sobretudo, não havia a guarda dos documentos fotográficos. Esta constatação motivou a proposição de um trabalho que buscou reunir fotografias sobre ou relacionadas aos temas já descritos. As fotografias surgiram já em conjuntos ou foram reunidas em coleções cujo recorte temporal situa-se entre 1940 e 1990⁹, excetuando alguns exemplares produzidos em décadas anteriores.

O formato que assumiu esse trabalho corresponde a um sistema de guarda e documentação empregado por outras fototecas, que lhe serviram de modelo. Como ocorre com qualquer instituição de memória, esse trabalho só encontra sua razão e alma quando levado a público e, sobretudo, quando o público o requer, o utiliza, o mantém vivo pelo

⁸ Mais informações em: <www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>.

⁹ Hoje a Fototeca contém, por doação ou transferência, as coleções: a) Coleção Marina de Moraes Pires; b) Coleção Escola de Belas Artes; c) Coleção Faculdade de Agronomia; d) Coleção Faculdade de Odontologia; e) Coleção Faculdade de Ciências Domésticas; f) Coleção Laneira Brasileira S.A. e g) Coleção Clínica Campos Langlois. Ainda contém a digitalização de cartas do artista Leopoldo Gotuzzo, hoje pertencentes ao acervo documental do museu homônimo e que, digitalizadas, constituem a Coleção Cartas de Leopoldo Gotuzzo.

interesse e pela aplicação¹⁰. Mas, quando se trata de acervos, o tema disponibilização revela-se com meandros sutis, contornos discutíveis. Não há consenso. Ou, se há, talvez resida no fato de que todos consideram a disponibilização digital um recurso vantajoso para aumentar a consulta aos acervos (embora a maioria das instituições desta natureza não disponibilize integralmente seus acervos nos seus *sites*). Foi com convicção sobre esse fato que se desenvolveu a página da Fototeca Memória¹¹, cujo fim foi o de tornar disponíveis as coleções sistematizadas.

Antes disso, a compreensão era a de que o desenvolvimento de uma base de dados seria suficiente para dar conta dessa função. No ano de 2009, a equipe entabulou esforços para determinar, a partir da análise do material a ser catalogado, quais dados deveriam compor cada registro e quais seriam seus relacionamentos. O melhor resultado desse momento foi constatar que as relações criadas entre documentos ampliavam os sentidos destes conjuntos. Entretanto, já se havia compreendido que era necessário que a base de dados fosse disponibilizada na internet, para que muitos tivessem acesso ao conteúdo¹².

No entanto, todo o esforço que colocou o *site* no ar deparou-se com uma circunstância desoladora, embora entendida como recorrente quando se trata de acervos novos, circunscritos por temas específicos em instituições desconhecidas. O número de visitas era insignificante, conforme dados registrados no gráfico gerado pelo sistema do *site* Fototeca Memória da UFPel em um período de 30 dias, entre o primeiro e o último dia do mês de maio de 2012.

¹⁰ Já se produziram seis trabalhos acadêmicos sobre a Fototeca Memória da UFPel ou suas coleções (quatro dissertações e dois trabalhos de conclusão de curso de Museologia) disponíveis em: <www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/> e <museologiaufpel.wordpress.com/>. A própria fototeca participa do projeto de pesquisa *As funções e os sentidos do registro fotográfico sobre o trabalho durante o século XX no Rio Grande do Sul*, *site*: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/fotografiaetrabalho/>>, contemplado no Edital Universal CNPq 2010.

¹¹ Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>>.

¹² A certeza de que seria suficiente dispor na internet fez o grupo investir mais. Assim, concomitantemente ao desenvolvimento da base, foi desenvolvida a interface, o qual se desejava que fosse um ambiente dinâmico e agradável criado sobre preceitos do *design* gráfico de usabilidade. Entendeu-se que este posicionamento seria a base de uma política interna de acesso, cuja missão seria promover a circulação dos dados, a preservação da memória e a disponibilização da informação deste conjunto de imagens, de valor histórico e social, contribuindo para a preservação dos suportes visuais de memória desta universidade e, em parte, da própria sociedade local.

Não se buscou fontes através das quais se pudessem comparar a situação com outros *sites* semelhantes. Não se pretendiam comparações, ainda mais que a fototeca aspirava chegar a um público específico: o universitário da UFPel. Tão perto, tão longe. E o volume de visitas denunciava que esse público não estava sendo atingido.

Cartazes, material gráfico, publicidade? O que fazer sem que os meios confundissem a missão. Não se tratava de uma consulta decorrente de chamadas, algo semelhante ao anúncio de um produto ou serviço, a que se desejava propor ao público. Tratava-se de receber, no *site*, a visita de pessoas que depositavam na fotografia alguma expectativa: o desejo de conhecer o fato ou objeto que ali se fez um dia registrar, o intuito de empregar a fotografia como uma fonte de pesquisa ou ainda, a motivação para tornar estas fotografias matéria para investigação.

Foi inevitável indagar se faltava expectativa naqueles que compunham o público desejado, expectativa que se esperava existir em um público universitário de 15 mil alunos, com vários níveis (graduação e pós-graduação) e muitos trabalhos de investigação em ciências humanas e sociais.

Com base nesta consideração, desmotivadora para os envolvidos com o trabalho, ou como reação a ela, é que surgiu a proposta do programa *Fotografia para ouvir*, cujos métodos e recursos são apresentados, seguidos da avaliação dos resultados.

Métodos e recursos: fazer escutar para querer ver

Pelos dados obtidos (Gráfico 1), averiguou-se que em 30 dias houve 41 visitas ao *site*, incluídos nesse total os acessos da equipe para inserção e atualização de dados. Houve 171 visualizações de página, mas cada fotografia acessada constitui uma visualização e cada vez que um membro da equipe ingressa no gerenciador para incluir ou modificar algum dado

sobre uma imagem, está fazendo um acesso. Sendo assim, havia um número de visitas e visualizações pequeno, constatado frente ao trabalho diário do grupo¹³.

Além disso, o número de rejeição (26,83%) foi pouco menor do que a porcentagem de novas visitas (34,15%). E a porcentagem de novos visitantes era quase a metade da porcentagem dos visitantes que retornaram, o que talvez se possa justificar pelo fato de que o acesso dos membros da equipe não é diferenciado pelo gerenciador. Nessa circunstância o dito popular “não se busca o que não se conhece” sugeria ter sentido. As razões para essa baixa frequência foram compreendidas pela equipe como resultado do desconhecimento da existência da página. Assim, o empreendimento para que ela se tornasse conhecida deveria ser o da divulgação.

Mas qual deveria ser o atributo desta divulgação, qual deveria ser o seu formato? Não tratar o objeto da divulgação como produto ou serviço anunciado já era uma decisão tomada. Tratá-lo como? Uma possibilidade seria tratá-lo como ideia a ser compartilhada. Adotou-se a ideia da imagem que fomenta a imaginação, em concordância com a tese de Didi-Hubermann (2004), que postula ser necessário imaginar para poder saber.

Inexplicável seria se na decisão a tomar não perpassassem alguns conceitos sobre esta imagem, sobre o que ela pode ser no amplo universo das imagens. Os conceitos e as teorias, em momentos assim, obram como luzes sobre os caminhos possíveis, tal foi, neste caso, a categorização apresentada por Sorlin (2004), na qual o autor enxerga a existência de três circunstâncias (cronologicamente lineares) no mundo das representações. Segundo ele, todas as formas visuais produzidas pelo homem, desde as mais primitivas, inserem-se em um de três grupos: o grupo das imagens síntese, o das imagens analógicas e o das imagens digitais. Das mais primitivas manifestações de representação até o surgimento da fotografia, o único princípio dominante que as agrupou e

¹³ A equipe é constituída pela coordenadora, um bolsista de extensão, duas bolsistas de iniciação científica e quatro bolsistas do grupo PET Conservação e Restauo, todos da Universidade Federal de Pelotas.

definiu, foi o da síntese. As imagens sintéticas caracterizam-se por ser uma síntese, resumo ou condensação de valores capazes de simplificar a informação essencial para que certo conceito se construa na visualidade. Na imagem sintética agrupam-se tempo, ação, movimento e espaço diversos, inexistentes no fato que determina a imagem. Assim, uma obra na qual um pintor represente uma cena de batalha histórica pode conter elementos, personagens e fatos que não pertenceram à situação representada, mas que sintetizam significados sobre o fato.

Foi a fotografia que inaugurou o segundo grupo, porque oportunizou, com ineditismo, uma forma distinta de representar, superada, talvez, no final do Século XX, pela imagem digital. O ineditismo esteve na relação da imagem com aquilo que ela representa por meio de um dispositivo ótico e um processo químico e, depois, eletrônico. Ainda assim, a diferença entre a imagem analógica e a sintética reside no fato de que a primeira “[...] capta el tiempo, está em condiciones de detenerlo, hacerlo regresar a su fuente o acelerarlo”. (SORLIN, 2004, p.15). Para este autor, a interpretação de uma imagem sintética demanda conhecer, enquanto que a imagem analógica revela-se à primeira vista, sem nada inventar no seu registro, mas incapaz de ser realizada fora da imperativa ordem normativa do aparato tecnológico que a faz existir. Portanto, foi esta a condição que norteou o texto descritivo da imagem: reiterar seus valores de similitude e sua relação com um tempo e espaço passados.

Longe da imaginação não há memória, só há a invisibilidade. E é justamente sobre esse fato que se apresenta a audiodescrição. Uma imagem que não pode ser vista pode ser imaginada. E se a imagem imaginada, ato contínuo, pudesse ser vista?

A proposta encontrou seu contorno na possibilidade do uso da Rádio Federal FM. Embora sem uma pesquisa de público entre os membros da comunidade, sabe-se que esta rádio é escutada diariamente por grande parte da comunidade acadêmica, sobretudo professores e servidores técnico-administrativos. Pensou-se ser possível propor uma estratégia que empregasse a rádio como veículo, desde que o formato da audição seguisse

o padrão de um programa. O que caracteriza os programas dessa rádio é a continuidade.

A Rádio Federal FM possui vários programas de informação oriundos de projetos de extensão. No geral, são audições curtas, entre dois e cinco minutos, narradas por acadêmicos, com conteúdos relacionados à veiculação de orientações sobre temas diversos. Foi com base nesse formato que se ponderou a proposta de um programa no qual fossem transmitidas audiodescrições de algumas fotografias do acervo da fototeca. Atinente ao seu único princípio, o programa foi batizado de *Fotografia para ouvir*, e constituiu-se de um cabeçalho¹⁴ e da audiodescrição. A licença poética, sem comprometimento do conteúdo, obedeceu algumas orientações¹⁵, que foram se aprimorando após a primeira avaliação, cujos resultados serão apresentados neste texto.

A principal orientação ditava que a audiodescrição não poderia trair a descrição catalográfica das fotografias, mas não se rendesse a ela. Que fossem seguidos seus os princípios gerais da audiodescrição convencional: sobriedade, sincronização, ritmo e tensão. Não obstante, que houvesse margem e esteio para a imaginação. A audiodescritora Josélia Neves esclarece que a audiodescrição de imagens obedece aos princípios de qualquer outra e salienta que: “A estratégia e o estilo da AD [audiodescrição] são dados pela natureza da imagem e pela função comunicativa da mesma no contexto em que se encontra.” (NEVES, 2011, p.29). Ou seja, a própria imagem, para o descritor atento, dá pistas de como poderá ser descrita.

¹⁴ O cabeçalho é lido por narrador diverso daquele que lê a descrição: “Fotografia para ouvir é uma proposta de divulgação do acervo da Fototeca Memória da UFPel, projeto de extensão do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.”

¹⁵ As informações elementares sobre a coleção, data, local e autor deveriam ser mencionadas imediatamente, conferindo contexto à imagem. Dos elementos visuais da imagem, deveriam ser selecionados alguns para marcar e informar o espaço representado. Deveria se estabelecer a relação entre o que fora representado e o como fora, de maneira a sugerir ou supor a intencionalidade de quem registrou. A narração da fotografia não deveria exceder 3 minutos (o tempo foi reduzido no segundo bloco de gravação), a trilha sonora não poderia ser repetida de uma narração para outra.

Para tanto, a seleção das fotografias fundamentou-se tanto na exemplaridade que deveriam ter na coleção em que se encontram como na competência do conteúdo da imagem para uma descrição narrativa com possibilidade poética. Inicialmente, foram selecionadas oito fotografias (as que geraram esta avaliação). Simultaneamente, selecionaram-se os locutores que, para manter a estrutura dos programas da rádio, foram escolhidos entre os estudantes¹⁶ atuantes na fototeca e capacitados à leitura de imagens.

O predicado essencial para as vozes escolhidas foi o da intensidade da expressão oral, que inclui boa dicção e capacidade de acentuar o sentimento durante a leitura. O ajuste para a voz foi feito com ensaios, nos quais o narrador especificava aspectos do texto¹⁷ que ofereciam dificuldade para a leitura (tamanho das frases, algumas palavras e conjunções contendo cacofonias), melhorando ou adequando a leiturabilidade¹⁸. Os ensaios serviram para remodelar o texto, vestindo-o à voz, já que os narradores não eram profissionais. Foram nos ensaios que se revisaram as eventuais assonâncias e que se determinou o ritmo da leitura e a entonação. A seleção das trilhas de abertura do programa (que no rodapé e cabeçalho é a mesma em todos os volumes) e da descrição de cada fotografia foi feita com o acompanhamento do técnico da rádio¹⁹ que realizou tanto a gravação como a edição de cada etapa. O programa foi ao ar na primeira semana de junho de 2012, juntamente com uma campanha informal nas redes sociais e a disponibilização de um vídeo²⁰. Os resultados de dez dias de programa²¹ serão apresentados e avaliados a seguir.

¹⁶ Adriano Konrat, bolsista PET Conservação e Restauro; Geanine Vargas Escobar e Luzia Costa Rodeghiero, ambas bolsistas CAPES DS do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural.

¹⁷ Os textos foram escritos pela coordenadora do projeto, partindo do princípio que toda imagem descrita é uma interpretação.

¹⁸ “Aspectos como a articulação frásica, a cadência, o ritmo de leitura e a sonoridade das palavras ditas deverão ser antecipadamente avaliados para que se proporcione uma leitura fácil e agradável.” (NEVES, 2011, p.43).

¹⁹ André Lufema é músico, editor de áudio profissional e técnico de edição da Rádio Federal FM.

²⁰ Os membros da equipe da Fototeca Memória anunciaram o programa nas redes sociais e o estudante Bernardo Maia compôs os vídeos e junto com José Braham disponibilizaram na rede *Youtube*.

²¹ A partir do dia 24 de junho os programas da Rádio Federal FM foram suspensos em decorrência da greve dos funcionários da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Resultados: imaginação x visão

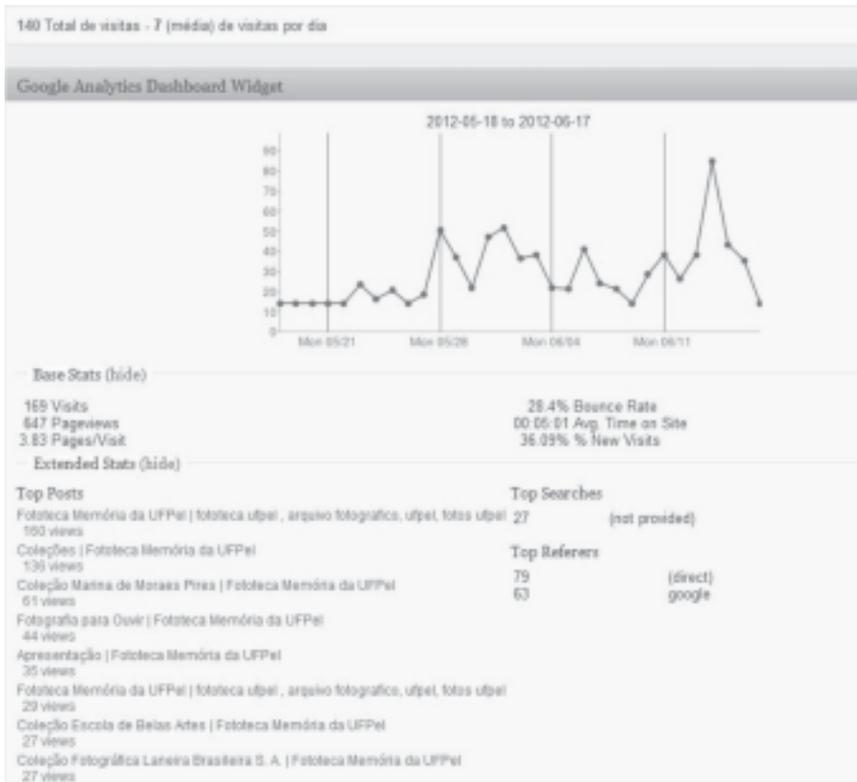
A audiodescrição é o resultado de um processo de criação coletivo. Avaliar os seus resultados, portanto, não se resume apenas a avaliar a eficácia do texto, da leitura, da edição ou da transmissão. Avalia-se o resultado do somatório das soluções encontradas com os possíveis receptores. Nesse caso, houve a intenção de realizar uma avaliação indireta, ou seja, o instrumento de avaliação não recorreu à emissão de um juízo sobre o programa, mas o efeito do programa na busca à página da fototeca. Para tanto, foram usados como instrumento de avaliação os gráficos gerados pelo gerenciador do programa em três datas (15, 17 e 18 de junho), que correspondem ao dia em que foi lançado o programa na rádio, ao dia em que começou a divulgação do *link* para o programa nas redes sociais e ao dia que foi disponibilizado o vídeo dos volumes (cada uma das locuções já editadas) do programa no *Youtube*, respectivamente (Gráficos 1, 2 e 3). Todos os volumes que participaram dessa avaliação estão disponíveis na página da fototeca, reunidos em uma coleção sob o nome *Fotografia para ouvir*²².

Os resultados que se apresentam são parciais. O programa estendeu-se até o mês de dezembro de 2012, incorporando alterações, com base nessa avaliação e em outras, feitas após essas. Em um gráfico gerado pelo sistema do *site* da fototeca no dia anterior à veiculação do programa na Rádio Federal FM, os dados sobre a baixa frequência já observados anteriormente, mantiveram-se. O aumento na frequência de ingresso ao *site* pela equipe, decorrente dos testes para a inclusão do programa como uma coleção da Fototeca Memória não gerou impacto no aumento das visitas. O número de novos ingressos se manteve, praticamente, sem alterações para os valores que já haviam sido registrados anteriormente. As alterações passam a ser observadas a partir do dia 15 de junho conforme os dados que se apresentam nos gráficos.

²² Mais informações em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/?p=752>

das fotografias não estavam disponíveis no *Youtube*. Essas ocorrências se deram nos quatro dias subsequentes, o que justifica o fato de o gerenciador não registrar acesso pelas redes, apenas pelo sistema de busca Google e entrada direta no *site*.

Gráfico 2 - Gerado pelo sistema do site Fototeca Memória da UFPel em 17 de junho de 2012



Fonte: Fonte: Universidade Federal de pelotas (2012b)

No entanto, no gráfico 2 percebe-se o aumento contínuo da visitação. Observam-se os dados sobre o número de visitantes, que aumenta para 169, portanto, 18 visitas em um dia, o que causa impacto na média mensal, que passa a ser de sete visitas por dia. A coleção *Fotografia para ouvir* recebeu em um único dia 94 visitas.

O aumento da frequência continuou no dia 18 de junho, quando o total de visitas registrado pelo gráfico 3 passou de 300, respondendo por uma média de 21 visitas por dia nesse período de 30 dias. Este incremento deveu-se à divulgação nas redes sociais, como se pode observar nos tópicos de referência de acesso que informam 205 acessos pela rede *Facebook*, para 82 buscas pelo Google e 110 acessos diretos. Destaca-se que o ingresso da Coleção Faculdade de Odontologia recebeu o maior número de acessos. Não se verificou o motivo do destaque para essa coleção, no entanto, a seguir, apresenta-se uma razão possível para explicar o fato. O número de leitores da apresentação do *site* (que não está na página inicial) também aumentou para o dobro do número registrado nos gráficos anteriores à veiculação do programa *Fotografia para ouvir*.

Gráfico 3 - Gerado pelo sistema do site *Fototeca Memória da UFPel* em 18 de junho de 2012



Fonte: Fonte: Universidade Federal de pelotas (2012b)

Esse programa, como os demais, por questões internas à UFPel, deixou de ser veiculado pela rádio no dia 25 de junho. Ainda no dia 24, houve uma veiculação pelo horário da manhã. O gráfico gerado nesse dia mostra, em números, os resultados finais coletados que informam que o número de visitas continuava mais alto, mas havia baixado em relação ao gráfico anterior. O acesso pelo *Facebook* manteve-se o mais alto.

Conclusões: ver por palavras a imagem que não se vê

Com base nos dados aferidos nos gráficos, pode-se supor que o programa *Fotografia para ouvir* divulgou a página da Fototeca Memória da UFPel entre o público pretendido. A divulgação foi constatada pelo número de visitas registrado pelo gerenciador da página. Sugere-se que o fato ocorreu como decorrência da possível curiosidade que a fotografia descrita gerou sobre os ouvintes. No entanto, deve-se considerar que as fotografias circularam nas redes sociais, uma vez que os próprios ouvintes copiaram a imagem e colocaram o *link* para escutar o programa. Nesse caso, uma parte das visitas pode ter sido decorrência não da curiosidade em encontrar a fotografia descrita, mas de encontrar outros volumes do programa. Supõe-se que a curiosidade pode ter sido gerada não apenas pelo desejo de ver a fotografia e confrontar a visão particular do ouvinte com a da narração, mas de ver outras fotografias, inclusive, não descritas.

A escuta na rádio, no entanto, foi um processo inverso ao da divulgação pelo *Facebook*. Na referida rede social, as pessoas que compartilharam a proposta, disponibilizaram a fotografia e o *link* para ouvir a descrição. Na rádio, somente a descrição estava disponível e informava-se o endereço eletrônico para ver a fotografia.

Contudo, ambos parecem ter tido resultado ou convergido para o mesmo resultado: a visita à página. O elevado número de acessos à

Coleção Faculdade de Odontologia, comparado ao número das outras coleções, pode ser explicado pelo fato de que em setembro de 2011 essa faculdade completou 100 anos e a fototeca participou da exposição comemorativa²⁴ com fotografias do acervo. Na equipe dessa exposição esteve presente parte dos membros que atuam na fototeca. Entende-se que a ocorrência dessa exposição tenha gerado um público interessado na história da Faculdade de Odontologia, portanto, um público específico para esta coleção.

Há, no entanto, dados que foram surgindo ao longo dos dias em que o programa circulou que não podem ser aferidos quantitativamente, mas que informam mais sobre os resultados do que os números registrados. Foram muitos os comentários feitos por pessoas que escutaram o programa na rádio. A maioria convergiu para o inusitado da proposta e para o conteúdo dos textos. Vários desses ouvintes destacaram a surpresa em imaginar a imagem através da palavra falada. É possível que o melhor resultado não tenha sido a divulgação do *site*, embora ela tenha ocorrido.

O melhor resultado parece ter sido algo menos tangível, aferível, descritível e que, no entanto, justificaria na base, se pudesse ser afirmado, todo o esforço em cuidar destes pequenos suportes com informação visual: as fotografias. Refere-se à emoção com a qual cada pessoa que se manifestou aos membros do grupo, direta ou indiretamente, falou das cenas que a descrição invocou-lhe. A imagem como emoção. A imagem para a imaginação. Esse foi, ainda que suposto, o maior ganho do programa. Talvez porque subsista no projeto da Fototeca Memória da UFPel não a motivação técnica, mas o respeito pela memória, pelos suportes a partir dos quais as pessoas do passado deixaram alguma coisa da sua existência e, sobretudo, uma grande admiração por essa forma de imagem, que sobrevive ao tempo, ampara nossas palavras e nos faz sonhar com o que passou.

²⁴ A exposição “100 anos de Odontologia em Pelotas” foi promovida pelo Projeto Museu do Saber e do Fazer, contemplado no Edital PROEXT/MEC 2010 e constituiu-se em uma mostra de fotografias, objetos e documentos que ilustram o surgimento e o percurso da Faculdade de Odontologia na cidade. Ocorreu de 21 de setembro a 30 de outubro de 2011, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo da Universidade Federal de Pelotas. *Site*: <<http://omuseudosaberdefaze.wix.com/omuseudosaberdefazer>>.

Referências

BATALHA. Divisão de Educação e Cultura. **Museu da Comunidade Concelhia da Batalha**: catálogo. Batalha: Publicenso, 2011. Disponível em: <<http://www.museubatalha.com>>. Acesso em: 15. out. 2012.

DIDI-HUBERMAN, George. **Imágenes pese a todo**: memoria visual do holocausto. Barcelona: Paidós Ibérica, 2004.

NEVES, Josélia. **Guia de audiodescrição**: imagens que se ouvem. Leiria: Instituto Nacional para Reabilitação; Instituto Politécnico de Leiria, 2011.

PORTO ALEGRE. Secretaria de Cultura. **O Solar que virou museu**: memórias e histórias. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=4&p_secao=19>. Acesso em: 15 out. 2012.

SORLIN, Pierre. **El siglo de la imagen analógica**: los hijos de Nadar. Buenos Aires: La Marca, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Fototeca**: memória da UFPel. (Coleção Laneira Brasileira S.A). Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>>. Acesso em: 15 out 2012a.

_____. **Fototeca**: memória da UFPel. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/-gerenciador>>. Acesso em: 15 out. 2012b.